

Nas Alturas de Montemuro

Montemuro! Quem tal nome a tal serra deu sabia o que dizia! Monte, elevação, altura; Muro, muralha, parede, separação. Os dois, por si só, indiciam dificuldade, algo de difícil transposição. Juntos podem querer significar muralha elevada, separação intransponível. E assim é! Quem desce a Arada, em direcção ao Paiva, e depois de este transposto, depara-se-lhe grandioso obstáculo orográfico, altas serranias onde embatem as nuvens, vindas dos lados do mar, que, para passarem, têm antes de pagar o tributo exigido, largar a humidade que transportam, em bâtegas de água formando contínuas e sucessivas cortinas brancas que tombam pelos flancos das cercanias, qual noiva que festivamente se cobre de brancos véus e mantos para ansiada cerimónia, e, assim despojadas da sua carga, seguem para os lados de Tarouca, cujas terras terão de esperar por cargas mais generosas, e só então, e depois de pagos anteriores tributos, poderão também exigir o seu. E o mesmo obstáculo se depara a quem, vindo dos lados do Douro, ousa desafiadoramente transpor este imponente sérreo impedimento.

Quem, viandante, altas horas da noite, alguma vez transpôs estas altas serranias, onde prateados raios de luz, em noite de Lua cheia, realçam a silhueta dos elevados cumes projectados na tela do horizonte, jamais poderá esquecer tamanha imponência, e compreenderá o porquê das inumeráveis histórias e lendas de mouras encantadas e mais lobeiras histórias, que encham o imaginário das gentes que também a estas terras pertencem, porquanto remotas e férteis que são, estas terras desde sempre albergaram tão nobre animal.

Cenário desafiador e idílico para, de BTT, ser calcorreado de lés-a-lés, até onde as forças o permitissem.

A aldeia de Mezio, povoado antigo onde, para deleite do feliz visitante, podem ainda ser vistas antigas casas, paredes de pedra sobreposta sem nada que as una para além do seu próprio peso, erguem-se direitas, em alinhado desalinho, do chão de granito, e, apoiadas nelas, grossas traves de madeira negra do tempo a sustentar telhado feito de espessa camada de colmo de centeio que, servindo este fim, não mais poderá ser usado para alimento de bovinos, porque, sendo a terra fértil de pastos, outros sustentos se hão-de arranjar.

Separa-a uma ribeira de límpidas e correntes águas, e porque um dos lados da aldeia está mais acima na encosta foi chamado de Mezio de Cima, enquanto o outro, do outro lado da ribeira, mais baixo de altitude, mas, por isso, mais próximo dos campos de cultivo, foi chamado de Mezio de Baixo, e foi aqui, desta lado da aldeia, que botaram a Igreja matriz, local escolhido para ponto de partida.

Saímos de Mezio virados a sul, em direcção a Moura Morta, por um trilho de terra, bordejado de giestas de branca flor que, por desuso, valentemente reconquistavam a terra outrora roubada, dura de pisada por rodas de carros, patas de animais que os puxavam e pés de homens que os guiavam.

A água, de tão abundante, tornava pequenas as valas a ela destinada, transbordando e enchendo os caminhos, não se sabe se para os manter limpos e frescos, se para lavar e refrescar os pés, que no caso em apreço eram rodas, de ocasionais viajantes, porque se quer lavado e limpo tudo o que pisa e entra em tão asseada terra.

Os mais destemidos enfrentaram essas águas transbordantes que se apossavam do caminho e mais locais de passagem, enquanto outros, menos aguerridos, e porque ainda estavam no início do dia, alheados das dificuldades que adviriam, usaram, para passar, os pináculos de pedra estrategicamente colocados na borda do caminho, para que fatos e sapatos domingueiros não fossem manchados e, sem mácula, asseassem feliz dono que à aldeia vizinha linda moça fosse cortejar.

À entrada de Moura Morta, à esquerda da estrada, no bonançoso aconchego dos campos, encontra-se antiga Igreja circundada de recatado adro, chão de grandes lajes graníticas e muros do mesmo material que, por o Sol, neste local, se fazer reservado, verdes musgos recobrem. Contemplamos as pedras desse lugar, sentindo o seu longo silêncio meditativo e ouvindo o que elas nos queriam dizer, pois em tempos, foi esse lugar, lugar de folguedos, primeiro de inocentes brincadeiras de crianças, depois, com o passar dos anos, porque os corpos assim o exigem, outras brincadeiras não tão inocentes iniciadas antes no amanhar dos campos e continuadas, depois, no recato desse lugar, no caminho de regresso a casa, tendo como testemunhas silenciosas essas pedras seculares que, de tão antigas, guardam fieis os segredos de desfloradas donzelas, de acalentados sonhos de futuro com seus amados ou de mágoas carpidas por promessas quebradas.

Repousando no sossego de uma eira, defronte de um velho celeiro que já conheceu melhores dias, telhado quase em ruínas, paredes ameaçando seguir igual destino, um velho tronco, tostado pelo Sol, o mesmo que outrora, durante a sua juventude, lhe forneceu necessária energia para adquirir as generosas dimensões que, agora, os homens, com certos golpes de enxó, outras formas lhe querem conferir, para lhe darem condigno destino e dignidade renascida, transformando-o em sustentáculo de veículo de tracção animal que, tal como antigamente, há-de suportar pesadas cargas e, com elas, galgar velhos e novos caminhos, transportar todo o tipo de materiais que hão-de, ainda, garantir parques mas necessários meios de subsistência a todos quantos não se deixaram iludir pelos (des)encantos da vida urbana, antes optando por regrada e harmoniosa vida de contemplação dos céus e das estrelas, donos de sonhos que só quem as contempla possui e pode alguma vez sonhar, deixando, sem pressas, que o tempo se vá!

E assim deixamos Moura Morta, também, sem pressas, porque, ali, já o aprendêramos, éramos igualmente donos do nosso tempo, tomando um caminho virado a noroeste, serra acima, ladeado por engenhoso caneiro escavado em blocos de granito alinhados em sequência encosta acima para, daí, transportar as brotantes e frescas águas que, em cristalina cascata, se deixavam cair em tanque que mais tarde lhes daria devido uso.

A subida, em direcção ao cume do Penedo do Nuno, penedo que do Nuno só tem mesmo o nome, mas que, por isso, ele até mais orgulhoso subia, endurecia a cada metro vencido à custa de arfante esforço, tal era a profusão de pedras que em desordenada ordem atapetavam o caminho, provocando, por causa disso, e quando nada o indicava, a queda da donzela, Paula de seu nome, mas as pedras, ao verem tão alvas e distintas carnes que em queda caíam, rapidamente se ajeitaram e transformaram a sua dureza em carícia para, assim, delicadamente a ampararem.

Perante tão imprevisível queda, causada por extemporâneo desequilíbrio, prontamente o Miguel se apressou a ajudar, exclamando: - “estás boa Paula?”, e nós, apreensivos e expectantes, esperando por uma resposta que nos tirasse o desassossego, finalmente lá ouvimos um tranquilizante: - “estou”, e, pensando nós estar o caso encerrado, o malandro do Miguel lá tratou de a todos surpreender lançando um inesperado: -“não era uma pergunta, era uma afirmação!”. Indiferente, lá continuou ela, como se nada antes se tivesse passado, enfeitada na sua feminina graciosidade, rija como só as lusas mulheres sabem ser, transpondo de igual modo, par entre os seus pares, escarpadas vertentes pejudas de ardilosas e afiadas pedras que, quais gumes de facas prontos a rasgar a borracha dos pneus, se atravessavam desafiadoramente à sua frente! Bem o podiam fazer, mas inglório era o esforço, pois ela não mais caiu, e, resignadas, pedras e demais inusitados obstáculos que doravante apareceram, não mais se interpuseram à frente de tão distinta donzela, antes deferentemente se afastavam, prestando-lhe merecida e condigna vassalagem engalanada.

E assim continuamos, lado a lado de profundos sulcos que rasgavam as velhas e desgastadas pedras do caminho, escavados pelas rodas dos “carros-de-boi” nas inumeráveis viagens encosta acima, encosta abaixo. Penosa se tornava a subida, pois as rodas das bicicletas, como que reconhecendo familiares traços, teimosamente nesses sulcos insistiam em cair, malgrado retesadas mãos agarrarem os guiadores e férreas vontades apelarem a toda a perícia, técnica e habilidade acumuladas a calcorrear idênticos caminhos.

Mas aquele trilho, não era trilho de ligação de aldeias. Terminou a meia encosta, no meio de antigas terras de culturas de sequeiro. Consultada a carta militar com olhos de quem sabe, sabedoria experiente e pensar reflectido, o Mário traçou certo azimute que nos levou a galgar, bicicleta às costas, escarpada vertente, e como se não bastasse, o tojo era mais que muito e lugar onde ele não estivesse estava áspera carqueja, assim chamada pelo ruidoso queimar que tem ao ser primeira a acender o fogo em tosca lareira, fina urze de rijas hastes completava o denso tapete arbustivo. Empurrados por pernas que teimavam em subir, pés ansiosos procuravam solo firme por entre a densa vegetação que, defendendo a terra persistente e lentamente conquistada, rasgava peles e carnes despeladas!

Glorioso esforço que permitiu a desfrutação de esmagador panorama do vale que, agora, se revelava aos nossos atónitos olhos, e se viam, de quando em

onde, as aldeias engalfinhadas nas suaves e protegidas encostas, quais preciosidades incrustadas em verde manta ponteadas de multicolores matrizes, pois era tempo, depois do agreste Inverno, de ser libertada, com toda a pujança, a floração da incontável vegetação.

Subitamente, emerge do solo um altaneiro tartaranhão de feérica plumagem matizada de cinza e branco que, elevando-se nos ares em majestático voo, inicia acrobática sequência de estonteantes manobras aéreas, de subidas e descidas, de rápidas e ansiosas razias ao solo na procura de alguma descuidada presa que, com rápida precisão, as suas tenazes garras certamente agarrarão. No seu frenético e interminável vaivém, Senhor absoluto dos ares do seu domínio, conhecedor de todas as brisas e correntes, volteia sobre as nossas cabeças, sem sobrançeria, e, porque a tal condescendeu, para nosso comprazer se deixa contemplar por momentos que não mais pareciam ter fim. Imagens indeléveis para sempre marcadas nas nossas memórias!

Irrequieta alvéolo pousou em clareira de rara vegetação, cauda de batuta a marcar o compasso do tempo. Pois bem o podia marcar até cansar, porque ali, naquele alto lugar, o tempo era nosso, pertencia-nos, tínhamo-lo conquistado!

E porque demorávamos, corajosa cotovia de incessante canto, pressentindo perigo para a sua prole, por enquanto ainda de ovos, em vertical ascensão insistentemente chamava a nossa atenção.

Com as roupas desfraldadas em suave ondular, à fresca brisa que se levantava, como asas ao vento, levantamos mãos e braços à altura dos ombros em perfeita horizontal. Vozes silenciosas, olhos pousados no horizonte em lugar nenhum, mas até lá fomos na ilusão de voo de tartaranhão.

A contemplar tudo isto, do alto de enorme penedão, com a complacência que só os grandes senhores sabem ter, senhorial águia observava, e quando achou ser a brisa certa que havia de a transportar, abriu as asas e deixou-se levar em ascendente voo até junto da sua companheira que, lá no alto, ansiosamente a esperava para iniciar sensual dança nupcial.

Retomamos recente trilho que corria pela linha de cumeada em direcção a esqueléticas estruturas metálicas invasoras, pois as tecnologias dos tempos modernos assim o exigem. Alguns metros depois, rápida descida de curvas suaves e ressaltos bem marcados - para regozijo dos mais habilidosos que, não desperdiçando a oportunidade, explanaram em tecnicistas manobras todo o seu saber - haveria de nos levar até ao alcatrão que nos conduziu à aldeia do Rossão.

Sinuosas ruas, antigas de tempo, entrecruzavam num belo desalinhado o casario da aldeia. Por entre as telhas dos telhados, e enchendo os ares de agradável odor de madeira queimada, escapava-se em lento retorcido o fumo branco de lume quente que, àquela hora, certamente preparava substancial

refeição. E o fumo que assim se escapava, na sua subida por larga chaminé, assim construída para melhor ele se ir, e deixar limpos os ares dos espaços interiores, enegrecia enchidos feitos com carnes de porco da matança do último Inverno e alourava alheiras de carnes brancas de aves, que, cada um por sua vez, ainda antes do Verão chegar, haveriam de enriquecer outras fartas ementas.

À passagem de tão colorido grupo, cabeças afloravam às janelas, vultos assomavam às portas, e assim que foram trocadas as primeiras palavras, a simpatia irradiou na indicação da fonte de frescas águas que haveriam de repor novamente as nossas reservas. Não havia dizer indicando que quem bebesse daquelas águas ficava condenado a lá voltar, mas também não era preciso, com dizer ou sem dizer, é certo que lá haveremos de voltar.

Retemperadas as forças, saciada a sede, deixamo-nos levar pelas ruas empedradas, testemunhas silenciosas de vidas passadas, talvez sofridas, guardiãs de lembranças de anciãs de costas corcovas dobradas sob o peso de desmesuradas cargas, até ao verdejante vale que abraçava a aldeia.

Por ele corria, indolente, o Rio Balsemão, dono do tempo, orgulhoso das suas diáfanas águas, as quais, desprovidas de qualquer pudor, revelavam, também elas orgulhosas, as alvas e roliças pedras da intimidade do fundo do seu leito.

Algures desviada, num qualquer lugar do curso superior do rio, corriam por engenhoso e intrincado sistema de sulcos e valas, refulgidas cabeleiras de água que se derramavam, em intermináveis e seculares fluxos, pelo manto verde das encostas retalhadas por muros à força de braços erguidos, irrigando divididos campos, verdes de férteis, onde pastavam livremente robustos bovinos que, à nossa passagem, com fugidia curiosidade, levantavam a cabeça, mastigando ainda as ervas acabadas de arrancar, pêlo brilhante de castanho, cornos imensos prontos a enfrentar toda e qualquer ameaça, fazendo lembrar lutas antigas, o som propagado por toda a serra imensa dos cornos a chocar violentamente, quando nas achegas de bois, lutas de rituais ancestrais, se procurava eleger o mais forte, o mais poderoso, para orgulho da aldeia e do seu proprietário que, assim, granjeava fama e dividendos na perpetuação da raça do valente animal.

Pequena ponte, velha de antiga, talvez medieval, resistia ainda a cumprir a função para que fora construída: permitir a passagem de gentes e animais para a outra margem do rio, onde, também, resistia velho moinho de paredes cansadas, a gozar, agora, merecido descanso, depois de anos de labuta sem fim e de muitas águas passadas!

As águas eram muitas, fluindo livremente, de tudo quanto era lado, para o Rio Balsemão que, assim, rapidamente ia engrossando e aprofundando as suas águas, onde peixes refulgentes, de fugaz aparição, em rápida fuga nas margens se escondiam, na sombra de centenários carvalhos de ramos pendentes, ainda sem folhas, cobertos por longas crinas de líquens, fieis testemunhas da impoluta qualidade do ar que se respirava, que ao longo das

suas margens, em largas e extensas faixas, se alinhavam em autêntica guarda de honra de tão belo monumento natural.

E tão generosas eram as águas que a serra se recusava a deixá-las partir, a demandar outras paragens, assim, sem mais nem menos. Defronte de Campo Benfeito espaçou as encostas do vale, e na larga planura assim criada espriavam-se as águas em extenso pântano, antes de se precipitarem em tumultuosa torrente pelas íngremes encostas que descem até Lamego, nas margens do Douro.

A fome começou a apertar, já eram muitas as horas da aprazível pedalada. Impunha-se encontrar local onde pudessem ser saciados os estômagos queixosos. E nada melhor que umas saborosas sandes de presunto, cortado em grossos nacos que mais pareciam bifés, deleitosamente trincadas num café à entrada de Gosende.

Assim saciados, seguimos para o interior da aldeia onde encontramos idosa senhora, calmamente a passear na rua, saco a tiracolo, pleno de lã, e uns habilidosos dedos, em experiente gesto adquirido por prática de inumeráveis anos, fiavam extenso fio, sem quebrar, que enrolava num fuso em incessante rodopiar e interminável sobe e desce. Tinha tão de expedita como de simpática a alegre senhora, não regateou explicações às perguntas que desordenadamente caíam em catadupa, vindas de todos os lados, saídas de todas as bocas que a rodeavam. A azáfama do numeroso grupo, com infantil curiosidade e interesse insatisfeito, chamou a atenção de uma vizinha que o acaso por ali fez passar, que não resistiu a perguntar à D. Maria, era este o nome da solícita senhora, se tinha encontrado clientes para as suas meias, pois era este o destino que ela reservava à lã que agora fiava, para depois, nos longos e frios Invernos, no quente aninho da lareira, quando o áspero tempo não permitisse cuidar dos afazeres exteriores, as mesmas mãos que agora a fiavam, a tricotarem em grossas e quentes meias.

Para o Monte de Sta. Bárbara seguia sinuoso e descuidado caminho de irregular empedrado granítico, hoje nesse estado porque as famosas romarias de antigamente, quando as gentes eram muitas, e os braços para o limparem mais ainda, já não se realizam. As gentes, agora, são poucas, de avançada idade e poucas necessidades.

Bordejava o caminho, imenso labirinto de pequenos retalhos de terra dividida, repartida por gerações sucessivas de numerosas proles. Nesse infindável brotar de gerações, os filhos tiveram filhos e os filhos dos filhos outros filhos tiveram, e assim, por igual ordem e iguais quinhões, foi a terra repartida, e de tão retalhada não mais produziu, num único retalho, sustento suficiente para subsistência bastante, e os últimos filhos daquela terra, alimentados por sonhos de riqueza em países distantes, tiveram de demandar outros destinos, sozinhos, levando consigo malas cheias de solidão.

Dominava o alto do monte desditoso templo da padroeira, também ela Sta. Bárbara de nome, portas e janelas agarrando-se às dobradiças carcomidas pela ferrugem, paredes desgastadas por anos de abandono, de romarias

adiadas. Cobriam a imagem da santa desfiadas e desbotadas vestes, mas ainda assim deixando antever a faustuosidade, em tempos idos, das roupas compradas por colecta comunitária de singelas dádivas, ou oferecidas, em promessas prometidas, por rico proprietário.

Mas os tempos que correm são de privação, para santos e devotos, unidos na desventura, na esperança do regresso dos chorados filhos que há muito partiram, aguardando as sonhadas e conseguidas riquezas, aforradas por anos de árduo trabalho, de penosas privações, e que hão-de agora, depois de definitivo regresso, pintar as paredes do templo, pagar outra roupa à santa, e assim, a solidária santa, tal qual as gentes de que é padroeira, será finalmente despojada das andrajosas vestes, anos a fio mostradas sem vergonha, que, em perpétua lembrança, ficarão como símbolo da esperança renascida.

E dali, daquele alto monte, descia para Mezio, encosta de antigas terras de cultivo, hoje, tal como as demais, abandonadas, ocupadas por extenso mar ondulante de tufo roliços de verdes ervas, altas e densas, escondendo caminhos e muros, dificultando a passagem, mas sem que isso constituísse desagrado, porque quando mais demorada fosse a descida para a já avistada Mezio, mais deleitosos seriam os momentos de eufórico prazer que ainda restavam, apesar de já dominados por antagónicos sentimentos, de estranha melancolia, pela certeza da partida e pelo desejo incontido de lá voltar.

João Ribeiro
Aveiro, 14 de Setembro de 2002.